

To Jobs or not to Jobs

O porquê da Apple ser como é, e como o futuro poderá ser melhor

Enquanto escrevo, correm à solta boatos: Steve Jobs (precisa dizer de novo? OK!) co-fundador da Apple – e, na minha modesta opinião, a cabeça a quem devemos o Macintosh – irá aceitar, ou não, o cargo de CEO, Chairman, Deus-e-algo-mais da Apple – permanentemente, quero dizer. Os últimos números falam que ele receberia algo como 5% da Apple, de mão beijada, para aceitar o cargo. Mais ou menos US\$ 270 milhões, e subindo! Nos últimos oito meses as ações da empresa subiram sem parar, fazendo seu valor de mercado duplicar em um ano.

Jobs, sem dúvida, tornou o genial design de Wozniak – o Apple I – um produto comercial, o que talvez nunca teria acontecido sem sua ajuda. Ele repetiu a dose com a interface gráfica, inventada pela Xerox, trazendo ao mundo o Lisa e o Macintosh para nossa enorme satisfação.

Em algum lugar do caminho, o trem descarrollou. A explicação sempre foi uma longa variação sobre a personalidade de Steve Jobs: imaturo, arrogante, egocêntrico etc. Jobs teria “impresso” na Apple marcas negativas do seu caráter. Mas, pensemos. Se personalidade fosse motivo para tudo isso, a Oracle não teria nem aberto as portas. Para quem não sabe, Larry Ellison, dono da Oracle e “o melhor amigo de Steve Jobs”, faz o último parecer um poço de modéstia, só pra falar de um item.

Se não foi Jobs, então quem, como, onde? A resposta me veio assistindo a um documentário da BBC sobre o já gasto tema dos “Impérios Acidentais”, onde, pela primeira vez, vi e ouvi Mike Markkula, o “homem que deu dinheiro para Jobs e Wozniak”. Bastou uma breve cena para me dar conta de que faltava ao cidadão aquilo que Guy Kawasaki sempre recebia para situações diversas, mas que é fundamental para exercer o poder: “chutzpah” (em português fica impublicável, perguntem a algum amigo que fale Yiddish).

Por coincidência, troquei alguma correspondência com o jornalista David K. Every (dke@MacKiDo.com, do site MacKiDo – www.MacKiDo.com), que confirmou minhas suspeitas.

Markkula era um grande acionista da Apple, e exerceu o papel de eminência parda durante



anos. Não foi sem a concordância ou mesmo influência de Markkula, para dar um importante exemplo, que Jobs foi derrubado da presidência do conselho.

E por que eu estou falando a respeito disso, hoje, anos depois? Simples, no mesmo insight me dei conta de que Markkula não faz mais parte do board, e que está praticamente aposentado. Sculley, Spindler, Gil Amelio, todos tiveram sua parcela de culpa na derrocada da Apple. Mas

foram todos apoiados por Markkula e sem ele não teriam sido eleitos. Muita gente hoje reclama da interinidade quase permanente de Jobs, mas ninguém se lembra de Markkula, o CEO virtual da Apple por todo esse tempo.

Nossa sorte é que o produto de Wozniak/ Jobs era tão bom que se manteve rolando, por inércia, durante anos. Mas começou a parar porque acabou o impulso inicial. O homem que tirou a Apple da garagem e a viu se transformar em uma empresa de US\$ 11 bilhões (depois, de US\$ 9 bilhões, US\$ 6 bilhões...) está fora do baralho. Seu filho é uma figura totalmente apagada e o número de ações com sobrenome “Markkula” vem diminuindo muito nos últimos anos. O

caminho está aberto para Jobs – ou qualquer outra pessoa com “chutzpah” (vão descobrir o que significa! Escrevam pro

Guy Kawasaki), mas acho que vai ser Jobs mesmo – levar a Apple não só de volta para os trilhos (pra mim ele já fez isso), mas em direção a um futuro de grande sucesso comercial. **M**

MARIO JORGE PASSOS

É consultor e escreve sobre Macintosh.

Opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.